

O PROBLEMA DO BEM¹

Ruth Kelson²

Resumo

A partir do livro da socióloga Nechama Tec sobre os salvadores, aqueles que com imenso risco de vida salvaram judeus na Polônia durante a ocupação nazista, busca-se compreender porque e fundamentado em que princípios, alguns poucos, em situações em que a barbárie e a crueldade são dominantes, mantém viva sua própria integridade. Conclui-se pela grandeza do Bem em oposição à Banalidade do Mal, já apontada anteriormente por Hannah Arendt.

Palavras-chave: Nechama Tec, salvadores, o Bem, Banalidade do Mal

Abstract

From the sociologist Nechama Tec's book about the rescuers, who at great risk of life saved Jews in Poland during the Nazi occupation, we seek to understand why and based on what principles, a few, in situations where barbarism and cruelty are dominant, retain his own integrity. These results emphasize the greatness of the good as opposed to the Banality of Evil, as reported earlier by Hannah Arendt.

Keywords: Nechama Tec, rescuers, the Good, Banality of Evil

¹ Trabalho desenvolvido a partir de uma apresentação no IV Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, 15 a 18 de novembro de 2011 - Universidade de Brasília.

² Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP); ruth.kelson@gmail.com.

A verdadeira bondade não é calculista, nem se preocupa com gratidão ou mérito, porém age em virtude de uma necessidade interior. (I Ching, hexagrama 42, linha 5)

O Problema do Mal foi classicamente formulado como uma questão teológica que indaga: “Como pode um Deus bom criar um mundo cheio de sofrimento inocente?” Existe um Problema do Bem? Porque indagar o Bem como sendo um problema?

Por ser ele uma questão ainda por desvendar: como, em situações extremas de barbárie e crueldade, aparecem aqueles cuja atitude, do ponto de vista do próprio instinto de sobrevivência, é inexplicável? Como explicar e aonde localizar o impulso para o altruísmo, a misericórdia, o amor, a compaixão, a bondade e a ajuda desinteressada – atitudes estas que, assim como o mal e a crueldade, são igualmente perceptíveis no ser humano?

Para Nietzsche, em sua obra *A Genealogia da Moral* (NIETZSCHE, 1976), a maneira de considerar a questão do Bem e do Mal foi mal colocada. A origem da moral decorreria de um mero ato de autoridade que emana daqueles que dominam e que se arvoram o direito de nomear o que seria o bem ou o mal. Estes conceitos teriam sido invenções destinadas a domesticar o homem, fazê-lo viver uma vida agradável, inofensiva, vulgar e mesquinha. Utilizaram-se as noções de culpa e pecado para transformar o sentido originário destes termos e impedir que os verdadeiramente “bons”, os poderosos e superiores, identificados por Nietzsche como “a raça aristocrática dominadora e conquistadora dos louros arianos” (NIETZSCHE, 1976, p. 23), alcançasse o mais alto grau de poder e de esplendor. Esta transformação marcou a vitória da plebe, dos escravos, os de cabelos negros.

Para Nietzsche, foram as aristocracias sacerdotais em oposição às aristocracias guerreiras as que realizaram esta transformação, ao enunciar: “Só os desgraçados são bons, os pobres, os impotentes, os necessitados, os pequenos e os que sofrem. E os verdadeiramente nobres serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os ímpios e os condenados” (NIETZSCHE, 1976, p. 27). A adoção universal destes valores foi tornada possível e se impôs a partir da imagem irresistivelmente sedutora do homem pregado na Cruz, da imagem do “Deus crucificado” (NIETZSCHE, 1976, p. 28). Neste momento executou-se a vingança dos escravos na forma da emancipação da sua moral, que se tornou a partir de então a moral dominante.

O pensamento de Nietzsche parece repercutir o conteúdo de mitologias seculares e que León Poliakov analisou em seu livro “O Mito Ariano”.

Neste livro, apoiado em Jung, Poliakov defendeu a idéia de que os mitos exprimem forças arcaicas e crenças coletivas inconscientes que persistem subterrâneas mesmo em nossas sociedades industriais. Nos mitos de origem dos povos germânicos encontra-se com freqüência repetido o tema da opressão de uma raça nobre, superior e dominadora por uma raça inferior e baixa. Estes mitos, apoiados num determinismo que enunciava o necessário predomínio das raças superiores, foram recuperados pela ideologia nazista e utilizados para justificar a guerra de conquista territorial e encorajar o extermínio dos chamados povos inferiores.

Os mitos do *Sangue e do Solo (Blut und Boden)*³, um arquétipo “triunfante e bárbaro” nas palavras de Poliakov, passaram a ter grande destaque a partir do século XVIII e chegaram ao seu apogeu com o Nazismo. Os nazistas buscaram por este meio reatar o presente com os tempos pré-cristãos para afirmar seu direito de conquista e dominação e negar a crença da filiação comum de todos os homens perante Deus conforme preconizam o Antigo Testamento e a antropologia cristã.

Hitler e os ideólogos do Partido nazista trouxeram à luz estes mitos latentes, dando-lhes uma voz explícita. Usaram-nos para apoiar o discurso de uma suposta raça ariana da qual os alemães seriam os descendentes e principais representantes. Com esta forma de adulação e persuasão simplória, Hitler tornou-se o Führer destas pessoas deprimidas, socialmente rebaixadas e economicamente decaídas. E com a promessa de um futuro de grandeza e prosperidade, conduziu-os para a guerra.

Hitler comparou-os a Prometeu, afirmando: “a centelha divina do gênio sempre jorrou de sua frente luminosa. [...] Conquistando, submeteu os povos de raça inferior e os ordenou segundo sua vontade e de acordo com os seus objetivos” (apud POLIAKOV, 1974, p. 16). Esta “raça ariana”, nobre, superior às demais, destinada a

³ *Sangue e Solo* foi uma expressão cunhada no final do século XIX, conectada com teorias raciais e com a exaltação de um romantismo nacional. Celebrava a relação mística da raça nórdica com o solo. Foi retomada por Richard Walther Darré, membro do partido nazista, em um livro publicado em 1930, *Neuadel aus Blut und Boden (Uma nova nobreza baseada no sangue e no solo)* onde propunha um programa de recuperação eugênica do sangue nórdico que incluía a procriação seletiva, o extermínio dos doentes e dos racialmente inferiores e uma volta aos valores rurais. Darré desenvolveu o plano denominado *Rasse und Raum* (“raça e território”) que forneceu a base ideológica para a política expansionista nazista para o Leste sob pretexto de recuperar o que chamavam de seu “espaço vital”, o *Lebensraum*.

dominar o mundo e todos os povos, estaria sendo oprimida por raças inferiores, que deveriam, por isso, ser escravizadas ou exterminadas.

Hannah Arendt em seu livro *Eichmann em Jerusalém* ironizou a respeito destes “Prometeus”, os pretendidos executores de uma nova humanidade purificada, sadia e nobre, comparando-os com fungos. Usou a expressão “Banalidade do Mal” para referir-se aqueles que, apoiados em uma ideologia aparentemente grandiosa e apesar de capazes de gerar um mal infinito, não passavam de meros burocratas que cumpriam com a obediência de um cadáver, a elogiada *Kadavergehorsam*, o que o regime nazista lhes exigia. Os nazistas, apesar de sua exaltação e crueldade, eram basicamente pessoas apáticas e indiferentes, preocupados com a ascensão profissional e em não desgostar o líder a quem delegaram toda sua capacidade de decisão moral. Reduziram-se voluntariamente a serem simples dentes na engrenagem que implementou o genocídio de vários povos, sobretudo dos judeus, durante o regime nazista.

Arendt descreveu Himmler, o comandante da *Schutzstaffel* (SS) e um dos principais organizadores do Holocausto judaico como um “filisteu”, preocupado, sobretudo com sua segurança e que, para defender sua aposentadoria, seu seguro de vida, a segurança da esposa e dos filhos, se disporia a sacrificar suas convicções, honra e dignidade. Disse Arendt: “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (ARENDR, 1999, p. 310).

Numa carta ao historiador e filósofo Gershom Scholem, Hannah Arendt aprofundou o significado da expressão *Banalidade do Mal*:

Minha opinião agora é que o Mal nunca é radical, é apenas extremo e não possui nem profundidade nem qualquer dimensão demoníaca. Ele pode invadir tudo e assolar o mundo inteiro precisamente porque se espalha como um fungo na superfície. Ele desafia o pensamento... porque o pensamento tenta alcançar a profundidade, chegar às raízes, e no momento em que se ocupa do mal, ele se frustra, porque não há nada. Essa é a sua banalidade. Apenas o Bem tem

*profundidade e pode ser radical.*⁴ (ARENDDT, apud Elizabeth Young-Bruhel em *For the Love of the World*, p. 369)

Para ela, não é o Mal que tem a verdadeira grandeza, porém o Bem.

O Problema do Mal sempre intrigou a humanidade por sua capacidade de criar infinito sofrimento e despertar reações intensas de horror e abominação. Porém o Mal, embora amplamente expandido, tal como um fungo na superfície, é mais fácil de explicar, é raso e seus motivos banais. Geralmente é suscitado por sentimentos mesquinhos de inveja, ganância ou insegurança. Não decorre de uma vontade livre, mas da fraqueza interior que não suporta a responsabilidade de um pensamento autônomo. Faz-se o Mal porque todo mundo o faz, é mais cômodo, é menos arriscado. Bastam o medo, a preguiça, a submissão e a renúncia de si. Bastam os gritos e as fanfarras e se deixar sucumbir às inclinações e à facilidade, sem o árduo e doloroso trabalho de introspecção e construção dos próprios valores morais.

O Mal tem toda uma sedução hoje em dia. Num mundo mergulhado no niilismo e na brutalidade, ele é aparentemente contestador. O herói projetado pelos meios de entretenimento é duro, implacável. Imagens de extrema crueldade e violência vendem bem e parecem as únicas capazes de estimular alguma resposta na sensibilidade embrutecida. Porém o demônio, aquele que sempre nega e nada constrói, é como uma caricatura, oposta ao que é verdadeiramente grande e que, sendo complexo, não admite respostas prontas, se questiona e se atormenta por não ter um estoque de banalidades *prêt-à-porter* que o suporte.

O Bem é muito mais intrigante, pois tem dimensões de profundidade e do inesperado que desafiam e vão além da nossa compreensão imediata. Ele não tem roupagens óbvias. Nem mesmo é evidente em sua qualidade de Bem. Não tem definições prontas, tem nuances, sutilezas. Provém das dimensões interiores que são sempre contraditórias. Depende da capacidade da pessoa de olhar para si sem ilusões e de agir em consequência, sem o apoio de certezas claras e definitivas.

Para Hannah Arendt,

a nossa é a primeira geração, desde o surgimento do cristianismo no Ocidente, em que as massas, e não apenas uma pequena elite, já não

⁴ Tradução minha.

acreditam em “estados futuros” e que, portanto, estão empenhadas em pensar na consciência como um órgão que reagirá na ausência de esperança por recompensas e sem medo de castigos (ARENDDT, 1999, p. 153).

Esta pensadora considerou que o Problema do Mal será a questão fundamental da vida intelectual europeia do pós-guerra. Pois ficou demonstrada a capacidade do ser humano de fazer um Mal impensável de uma forma banal, sem pensamento e sem responsabilidade pessoal. Para Arendt, o mal ilimitado só pode ocorrer quando não existem as raízes cultivadas a partir do eu, que automaticamente limitam as possibilidades, ou seja, “quando os homens apenas deslizam sobre a superfície dos acontecimentos, quando se deixam levar adiante sem jamais penetrarem em qualquer profundidade de que sejam capazes” (ARENDDT, 1999, p. 166).

É necessária força moral para suportar o doloroso diálogo íntimo, desenvolvido sobre o terreno movediço da dúvida que decorre do exercício autônomo de uma vontade livre que terá que assumir as responsabilidades por suas escolhas. O Bem é complexo, tanto quanto o ser humano o é. Mas, por apresentar-se sem o apoio da força bruta nem dos dogmas das certezas definitivas que o Mal utiliza, com frequência não é reconhecido em sua grandeza.

As perguntas a respeito do Bem são infinitas: de onde brota e aonde se localiza? Na razão, no bom coração, na Centelha Divina de que fala a religião? Há o bom e o mau coração? Existe a nobreza inata, segundo Platão, que distingue espontaneamente o Bem do Mal? A natureza do homem é naturalmente boa, como dizia Rousseau e se torna pervertida com a civilização? Ou é selvagem, segundo Hobbes, e a civilização precisa contê-la? Existe uma Lei Moral dentro de nós, conforme Kant? Qual o seu fundamento? Qual a relação do Bem com o amor? E com a moral e a ética? O que é a consciência? De onde vem o impulso de ajudar, de salvar, de proteger? A estas e a outras inúmeras perguntas, ao que sabemos, nenhuma resposta definitiva ainda foi dada.

Aprofundando a discussão sobre o tema do Bem, objetiva-se aqui tratar do livro *When Light Pierced the Darkness: Christian Rescue of Jews in Nazi-Occupied Poland*, escrito por Nechama Tec. A autora nasceu na Polônia em 1931 e emigrou para os EUA

após a guerra. Neste livro, dentro da ótica de uma abordagem sociológica, ela tratou do tema dos “justos” ou “salvadores”⁵.

O título de “*Justo entre as Nações*” foi dado pelo Yad Vashem⁶ como uma homenagem de gratidão e reconhecimento aos não-judeus que salvaram judeus durante a ocupação nazista da Europa e foi circunscrito àqueles que agiram com risco da própria vida e na ausência de qualquer recompensa material. Encontramos dois brasileiros entre os Justos: a extraordinária Aracy Carvalho de Guimarães Rosa, a segunda mulher do escritor Guimarães Rosa e o igualmente extraordinário diplomata Luiz Martins de Souza Dantas.

No livro, as perguntas iniciais formuladas pela autora foram: O que motivou aqueles que arriscaram suas vidas pelos judeus e pelos perseguidos em geral? Quem eram estes salvadores? Possuíam características comuns?

Na Polônia em particular, salvar judeus significava um enorme risco de vida. Os salvadores viviam um terror constante de serem denunciados pelos seus vizinhos. Aqueles que ajudavam os judeus sacrificavam suas vidas normais e se impunham uma vida clandestina.

Por toda parte os nazistas instituíram o princípio da responsabilidade coletiva que prescrevia punir não somente o judeu ou o salvador, mas também sua família e seu grupo. Aldeias inteiras em toda a Europa foram queimadas e todos os seus habitantes assassinados porque um único judeu havia sido ali descoberto. Laços fortes de amor pela própria família e pelo grupo de pertencimento podiam por isso impedir e de fato impediram muitas vezes a solidariedade.

Assim que conquistavam um país, os nazistas imediatamente tratavam de tornar os judeus invisíveis, para que a imagem pérfida propagandeada já não pudesse ser confrontada com uma pessoa real em carne e osso, aquela que suscita a compaixão e desencadeia a dúvida. Afastados da vista, enviados para os guetos ou para os campos de concentração, qualquer coisa podia lhes ser imputada. Ao serem destituídos de sua singularidade como pessoas, eles se tornavam um puro conceito, o “judeu”, alvo fácil para a acusação da autoria de todos os crimes imagináveis e a quem se podia matar sem

⁵ Optou-se por traduzir a palavra inglesa *rescuer*, utilizada pela autora, por *salvador*.

⁶ Memorial criado em 1953 em Jerusalém para preservar a memória das vítimas do Holocausto judaico.

peso na consciência. Um médico polonês testemunhou em seu diário: “Certa psicose apoderou-se do povo polonês... eles não veem um judeu como um ser humano. Ao invés disto, o percebem como um animal perigoso e ameaçador, criatura que precisa ser exterminada por todos os meios possíveis” (TEC, 1986, p. 41).

Afastada a pessoa, substituída por um conceito, impedia-se assim a emersão na população do perigoso sentimento da compaixão, da “piedade puramente animal” nas palavras de Hannah Arendt “que afeta todos os homens normais na presença do sofrimento físico” e que parece fazer parte da própria natureza, seja humana, seja animal, necessária para a proteção e o cuidado que se fazem biologicamente essenciais para a sobrevivência das espécies. Impedia-se também que soasse o perturbador e misterioso interdito contido em alguma parte do ser humano, que condicionava a maioria dos elementos dos grupos de extermínio nazistas, os *Einsatzgruppen*⁷, a estarem completamente bêbados enquanto realizavam a sangrenta orgia dos fuzilamentos indiscriminados no Leste da Europa de quase dois milhões de judeus, dos comunistas, da intelectualidade polonesa, de ciganos e de resistentes.

Diante da ansiedade criada pela bruta exposição à realidade dos cadáveres e do sangue, Himmler e os demais encarregados de concretizar a “Solução Final da Questão Judaica”⁸, o extermínio sistemático do povo judeu, trataram de torna-lo o mais impessoal possível, transformando-o em uma tarefa a ser realizada burocraticamente, com eficiência, como um “trabalho” objetivo planejado e destituído de emoção. Criaram com isto as “fábricas de morte” dos Campos de Extermínio, cuja missão, era produzir tantos milhares de mortos a cada dia nas câmaras de gás.

O Holocausto não foi obra de sádicos, loucos, depravados, fanáticos ou criminosos. Poucos SS poderiam ser considerados “anormais”, psicopatas. Iniciativas individuais eram desencorajadas e se fazia muito esforço para manter toda a tarefa dentro de um quadro estritamente impessoal, prático e indiferente. Como resultado desta

⁷ Os *Einsatzgruppen* foram esquadrões paramilitares que acompanharam o exército alemão após a invasão da Polônia em Setembro de 1939 e da URSS em Junho de 1941 com a principal função de executar a população judaica destes territórios, em geral por fuzilamento. Mataram mais de 1.300.000 de pessoas segundo cálculos do historiador Raul Hilberg, principalmente judeus, mas também de outros grupos e categorias políticas. Foram organizados por Reinhard Heydrich, subordinado a Heinrich Himmler. Eram formados por elementos da SS, da SD e de várias forças da polícia alemã, além de voluntários locais.

⁸ *Endlösung der Judenfrage* em alemão.

tarefa bem sucedida e racionalmente administrada, dos 3.5 milhões de judeus que viviam na Polônia antes da guerra, menos de 10% sobreviveu ao Holocausto.

Os judeus estavam muito expostos. Eram facilmente reconhecíveis pela aparência, pelos costumes e pela língua que entre si falavam, o iídiche. Viviam em aldeias ou em guetos dentro das cidades, isolados do resto da população e muito pouco assimilados. Os poloneses basicamente apoiaram os nazistas em sua tarefa de extermínio do povo judeu. A propaganda nazista que os apontava como feios, subumanos, sujos, perversos, doentios, culpados de todas as abjeções, culpados da paz e da guerra, do capitalismo e do comunismo, encontrou fácil resposta entre a população que alegremente tendia a denunciá-los e a condenar aqueles que os protegiam. O meio no qual os salvadores poloneses atuaram era hostil aos judeus. Ao se dispor a salvá-los, eles incorriam na censura de seus concidadãos e ajudá-los era não somente perigoso, porém repreensível.

Para Nechama Tec, as imagens negativas imperantes tinham raízes tão profundas que só excepcionalmente uma pessoa independente podia perceber um judeu como um indivíduo a ser julgado na mesma base de qualquer outra pessoa.

No seu livro sobre os *salvadores* e usando os critérios da pesquisa sociológica, ela entrevistou os salvadores e os judeus que foram salvos e sobrepondo as duas classes de informações, “procurou correlações quanto a disposição de ajudar e os fatores de classe social, ocupação, educação, idade, sexo, religião ou fidelidade política – apenas para descobrir que não havia correlação alguma” (BAUMAN, 1998, p. 11).

A maioria dos salvadores eram pessoas comuns. Atuavam por motivos diversos: por convicção política, ideológica ou religiosa ou simplesmente por algo que devemos chamar de humanidade.

O que parece ter sido excepcional neles era a empatia, descrita pelo dicionário como a experiência da imaginação de se projetar e vivenciar os sentimentos, os pensamentos e paixões de um outro, ou seja, o poder sentir uma “paixão junto”, a compaixão. Diferente dos assassinos, cuja frieza os distanciava da realidade e os fazia viver no plano inseguro dos conceitos abstratos e dos baixos sentimentos, tinham contato com uma realidade concreta que os afetava e eles agiam em resposta a este afeto. A realidade objetiva, tão propalada pela ciência, era deles e não dos que

deliravam em torno de teorias sem fundamento e não enxergavam ao seu lado aquele que realmente existia.

A capacidade de ser um salvador estava ao alcance das pessoas comuns, embora poucos a tivessem realizado. Na busca de distinguir categorias e motivações, a autora destacou como traços psicológicos salientes entre a maioria deles a independência, a compaixão e a presença de fortes convicções morais.

A independência lhes permitia ir contra as convenções e as crenças correntes. Como regra, eles eram muito independentes. Quase todos declararam sentirem-se socialmente marginais e não plenamente integrados com o seu meio. Diziam pensar com as próprias cabeças e não se importar com a opinião dos outros. Quase sem exceção, chegaram por si próprios a sua decisão. A identificação com o modelo familiar de conduta moral também parece ter tido um forte papel nesta opção. Agiam de acordo com valores e preceitos morais pessoais, mesmo em oposição às expectativas sociais dominantes. Diziam que lhes importava atender a própria consciência, o que lhes permitia viver consigo mesmos. Eram pessoas com princípios morais elevados. Nunca aceitavam alguma coisa sem primeiro avaliá-la. Para eles, a integridade pessoal era importante.

O contato mais próximo com judeus antes da guerra havia permitido a grande parte dos salvadores se confrontar com seres humanos reais, o que os sensibilizou e os obrigou a pensar, a questionar valores pessoais, a repensar criticamente e aprender a agir segundo valores que lhes eram inerentes.

Quase sempre, o compromisso de ajudar os necessitados já havia se manifestado ainda antes da guerra. Para Tec, sua natureza parecia ter uma sensibilidade especial para o sofrimento do outro.

Na maior parte dos casos, a ajuda foi dada quase impulsivamente, sem planejamento ou preparação e só aos poucos ela se desenvolveu numa ação mais abrangente. Aparentemente, diante de um outro real, com um sofrimento real, os salvadores foram capazes de *ver*, por meio da capacidade da imaginação e da empatia, um ser humano perseguido, lutando desesperadamente pela vida e necessitado de ajuda. Tec chamou este tipo de visão de *percepção universalista*.

Os salvadores provinham de diferentes meios, tinham diferentes posturas políticas e religiões e raramente confinaram sua ajuda somente aos amigos. Os traços de personalidade mais destacados neles foram: 1. Individualismo; 2. Independência e autoconfiança, 3. Amplo e duradouro comprometimento ao longo de toda a vida de agir em favor dos carentes e desamparados; 4. Despretensão e tendência a negar o heroísmo de suas ações; 5. Início não premeditado e não planejado do salvamento dos judeus; 6. A percepção universalista, que lhes permitiu enxergar os judeus como pessoas indefesas naquela circunstância e totalmente dependentes da sua proteção e desconsiderar todos os demais atributos, senão aqueles que exprimiam extremo sofrimento e necessidade.

A respeito deste tipo de pessoas, Hannah Arendt comentou:

...os poucos que permaneceram livres de toda culpa nunca passaram por um grande conflito moral ou crise de consciência. Nunca duvidaram que os crimes permaneciam sendo crimes, mesmo que legalizados pelo governo e que era melhor não participar desses crimes em qualquer circunstância. Agiam de acordo com algo que lhes era evidente por si mesmo, ainda que não o fosse para aqueles ao seu redor. Assim a sua consciência, se é disto que se tratava, não tinha caráter obrigatório e lhes dizia: “Isso não posso fazer”, ao invés de: “Isso não devo fazer” (ARENDR, 2008, p. 142).

Arendt considerou que ser uma pessoa é diferente de ser meramente humano. Falar em personalidade moral é quase uma redundância. A personalidade nada tem a ver com o talento ou a inteligência, mas decorre da capacidade de pensar por si próprio.

A atitude do salvador parece pressupor a existência de uma natureza que opera por meio de uma forma particular de imaginação e sensibilidade para o sofrimento do outro. O impulso que os impelia a agir não colocava em primeiro lugar as considerações quanto aos perigos implicados. Indagados, referiam-se com modéstia a este comportamento nobre e abnegado, alegando que não poderiam viver com a sua consciência se não fizessem o que fizeram, ainda que se expõem a perigo de vida. Eles não se viam como heróis. Julgavam seus atos como uma resposta necessária às circunstâncias. Tinham dificuldade de explicar a obrigação que sentiam e somente diziam: eu não podia agir diferentemente. Eu tinha que fazê-lo!

Curiosamente, houveram também alguns anti-semitas entre os salvadores. Apesar de anti-semitas, eles foram capazes de despir o judeu de todos os outros atributos que não o de um ser humano que sofre e responderam ao apelo da humanidade e da compaixão, agindo em oposição aos próprios preconceitos com independência e liberdade.

Tec concluiu a sua análise do tipo geral do salvador descrevendo-os como pessoas sensíveis, “identificados fortemente com o sofrimento dos outros. Mas, mais do que o apego pessoal ou os sentimentos cálidos”⁹ (TEC, 1986, p. 179), foi sobretudo o senso do dever moral que os compeliu a agir. Apesar de motivados principalmente pelo sentimento de justiça e por um desejo forte, quase uma compulsão, de lutar pelos necessitados e perseguidos, teria sido sua independência e liberdade que os tornou capazes de agir de acordo com seus imperativos morais.

A nobreza dos seus atos nos torna conscientes de que, ainda que no meio da pior degradação, algumas pessoas estarão prontas a permanecer morais mesmo sob condições imorais, o que nega a inevitável supremacia do Mal. Para Nechama Tec, estes exemplos nos devolvem a possibilidade, tão difícil nos dias atuais, de ter esperança.

Novamente desejaríamos citar Hannah Arendt:

Em condições de terror, a maioria das pessoas se conformará, mas algumas pessoas não... Humanamente falando, não é preciso nada mais, e nada mais pode ser pedido dentro dos limites do razoável, para que este planeta continue a ser um lugar próprio para a vida humana (ARENDDT, 1999, p. 253).

Referências

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Lisboa: Guimaraes e Cia. Editores, 1976.

⁹ Minha tradução a partir do inglês.

POLIAKOV, L. *O Mito Ariano*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

TEC, N. *When Light Pierced the Darkness: Christian Rescue of Jews in Nazi-Occupied Poland*. Oxford: University Press, 1986.